

# Sumário

Prefácio – Óperas para ler – A.S. Franchini .....	7
Fidélio – <i>Ludwig van Beethoven</i> .....	9
Norma – <i>Vincenzo Bellini</i> .....	26
Carmen – <i>Georges Bizet</i> .....	44
Pelléas e Mélisande – <i>Claude Debussy</i> .....	62
Lucia di Lammermoor – <i>Gaetano Donizetti</i> .....	95
O elixir do amor – <i>Gaetano Donizetti</i> .....	110
O guarani – <i>Carlos Gomes</i> .....	134
Fausto – <i>Charles Gounod</i> .....	151
Rinaldo – <i>Georg Friedrich Haendel</i> .....	170
A flauta mágica – <i>Wolfgang Amadeus Mozart</i> .....	183
La Gioconda – <i>Amilcare Ponchielli</i> .....	212
La Bohème – <i>Giacomo Puccini</i> .....	231
Tosca – <i>Giacomo Puccini</i> .....	251
O barbeiro de Sevilha – <i>Gioacchino Rossini</i> .....	273
Salomé – <i>Richard Strauss</i> .....	296
Eugene Onegin – <i>Piotr Tchaikovsky</i> .....	308
Tristão e Isolda – <i>Richard Wagner</i> .....	327
A valquíria – <i>Richard Wagner</i> .....	340
Aida – <i>Giuseppe Verdi</i> .....	362
La traviata – <i>Giuseppe Verdi</i> .....	379
Bibliografia .....	399

# Fidélio

*de Ludwig van Beethoven*

*Fidélio*, de 1805, foi a única ópera composta por Beethoven.

Ainda que alguns críticos considerem que a ópera não seja o melhor meio de expressão para o talento do célebre compositor alemão, a maioria admite que a sua única experiência no gênero possua qualidades incontestáveis. Para muitos, ela alcançou a estatura de obra-prima graças à grandiosidade do tema e aos voos líricos incomparáveis desse verdadeiro gênio musical.

*Fidélio* tem uma trama simples e altamente melodramática, como manda a boa regra do gênero. Subintitulada “O amor conjugal”, esta ópera exalta a conduta exemplar de uma esposa cuja devoção ao marido não se detém diante de nada, nem mesmo do sacrifício da sua própria vida. O enredo foi inspirado num fato real ocorrido durante a Revolução Francesa, dramatizado por Nicolas Bouilly. O elemento rocambolesco da troca de sexo – modo empregado pela esposa devotada para infiltrar-se na prisão onde jaz seu esposo – era um expediente muito utilizado nas tramas da época.

Beethoven fez mais duas versões desta ópera, já que a original havia sido um completo fracasso. A última, de 1814, tornou-se finalmente um sucesso, sendo a mesma que, ainda hoje, circula pelos palcos.

## I NA PORTA DA PRISÃO

Estamos em fins do século XVIII.

Nos arredores de Sevilha existe uma prisão imunda, onde os inimigos do rei estão encarcerados. Ali também estão presos,

em muito maior número, os desafetos dos amigos do rei. Sob o pretexto de proteger a coroa, esses cortesãos inescrupulosos conseguem levar à prisão qualquer miserável que, por um motivo qualquer, tenha se tornado um empecilho às suas ambições.

Numa masmorra fétida está um prisioneiro chamado Florestan, homem íntegro e desgraçado. Por ter, num momento de total imprevidência, resolvido denunciar os crimes do diretor da prisão, Florestan viu-se obrigado a desfrutar dos horrores daquele antro infernal.

A prisão é uma espécie de vespeiro maldito, em torno do qual dezenas de vidas miseráveis gravitam. Como um polvo insaciável, ela lança para além dos muros os seus tentáculos, tornando todos, dentro e fora, seus virtuais prisioneiros.

Ao pé da torre está a peça minúscula e sufocante onde moram o carcereiro e a sua filha. O pai se chama Rocco; e a filha, Marzeline. Os dois são criaturas infelizes, pois não passam de lacaios de Don Pizarro, o diretor da prisão.

Marzeline está do lado de fora, engomando os trapos dos presidiários, um luxo irônico dispensado pela administração prisional. Ao pé dela está Jaquino, o porteiro da prisão, empenhado na sua luta diária e inglória de cativar a atenção da bela moça.

Um sujeito acabou de transpor o portão que dá acesso ao presídio e já se afasta rapidamente, permitindo que Jaquino retome as suas investidas sobre Marzeline.

– Pronto, agora me ouça! – diz ele, como um pedinte.

– Que sujeito maçante! Não vê que estou trabalhando? – diz ela, baixinho, a si mesma.

Marzeline tenta enfrentar com resignação a sua sessão diária de assédio, mas a insistência do porteiro mostra-se superior às suas forças.

– Por que não me deixa em paz, hein? – diz ela, afinal.

– Por favor, dê-me só um pouquinho da sua atenção!

A jovem, exausta, suspira, vencida.

– Está bem, fale de uma vez!

– Ah, assim emburrada eu não quero! Olhe-me com ternura!

É sempre assim. A simples atenção já não basta, devendo ser temperada com o condimento da ternura.

“Definitivamente, não devo ceder-lhe um palmo a mais de terreno!”, pensa ela, antes de escutar algo absolutamente imprevisto:

– Marzeline, por que você não se casa comigo? Já escolhi até o dia!

– *O quê?!*

Neste momento uma batida salvadora soa no portão.

– Chifres de Belzebu! – exclama Jaquino.

Enquanto ele vai ver quem é, a jovem suspira, aliviada, pois em certos momentos a teimosia do importuno chega a parecer-lhe assustadora.

Jaquino recebeu um embrulho, que põe logo de lado.

“Se o coitadinho soubesse que já escolhi Fidélio para meu esposo!”, pensa ela, com alguma piedade.

E se a coitadinha soubesse que Fidélio não é um homem, mas uma mulher!, podemos bem pensar nós, pois a verdade é que Fidélio não passa de Leonora, esposa de Florestan, o prisioneiro mais odiado pelo sórdido Pizarro. Disfarçada de homem, Leonora conseguiu obter uma vaga de auxiliar do pai de Marzeline, o que lhe possibilita ter contato direto com o infeliz esposo.

Jaquino volta à carga, mas Marzeline sequer o olha, pois tem seu pensamento voltado para Fidélio.

– Que tal me dar já o seu sim? – diz Jaquino.

– Não, não! Jamais o darei, entendeu?

Diante da recusa categórica, Jaquino recomeça a ciranda das suas queixas: Marzeline é fria e feita de pedra, e seu coração desconhece a piedade.

A jovem, porém, mostra-se irredutível, pois sabe que diante do menor descuido o importuno pode readquirir novas esperanças.

– Por favor, Jaquino, deixe-me em paz!

– Mas como?! Não posso sequer estar na sua presença?

Neste momento batem novamente à porta. Oh, aquelas sacrossantas batidas! Aos ouvidos da jovem elas soam sempre como uma libertação!

Jaquino, rogando uma nova praga, vai ver quem é. Parece-lhe que já abriu aquela porta amaldiçoada mais de duzentas vezes. Quando ele regressa, porém, uma voz catarrosa surge do interior do cubículo, chamando-o à sua presença.

– Sangue de Judas...! – exclama Jaquino.

– Vamos, vá ver logo o que deseja meu pai! – diz a jovem, outra vez aliviada.

Enquanto o infeliz vai ver o que quer o velho, Marzeline volta a pensar no seu amado Fidélio. Desde a sua chegada ao presídio que a possibilidade de casar-se com Jaquino virou fumaça no seu espírito. Fidélio passou a ser a nova chama a arder em seu coração. De olhos fechados, ela pensa no quão feliz ela será no dia em que puder chamá-lo de esposo! Que felicidade quando puder desfrutar junto dele todas as doces rotinas de um lar!

Como que respondendo a uma invocação, dali a instantes surge Fidélio em pessoa. O jovem vem carregando um enorme embrulho. Os olhos de Marzeline brilham ao avistar seu amado.

– Papai, Fidélio está aqui! – exclama ela, alterada.

O jovem tem os cabelos presos por baixo de um gorro, enquanto o rosto, sujo com um pouco de carvão, dá a aparência de uma barba cerrada há pouco raspada.

– Ah, ele já voltou do ferreiro? – diz o velho pai de Marzeline, surgindo do interior do cubículo.

– Salve, mestre! – cumprimenta Fidélio, depositando no chão a sua pesada carga. – Aqui estão as provisões para os detentos, conforme o senhor pediu.

Junto com as provisões, ele deixa cair uma grossa corrente.

– Eis a maldita serpente de ferro! Atrasei-me porque o ferreiro demorou a consertá-la.

O velho Rocco toma a corrente nas mãos.

– Está sólida o bastante?

– Nem dez prisioneiros num cabo de guerra conseguirão arreventá-la! Aqui está a fatura.

O velho toma o papel e analisa os custos, ansioso. “O danado consegue sempre extrair um descontinho a mais!”, pensa ele, satisfeito. “Quer provar-me que será um bom esposo para a minha Marzeline!”

– Continue assim, rapaz, e terá logo o seu prêmio!

– Oh, não faça isso pela promessa! – diz Fidélio, sem jeito.

– Vamos, vamos! Sei bem o que quer!

Ao ouvir isto, Marzeline sente o coração palpitar. Fidélio sequer a cumprimentou, mas pelo empenho demonstrado fica mais do que evidente que não deixou de pensar nela um único instante. Ela o olha com esta certeza intensa e possessiva.

“Pobre menina! Não devo lhe encorajar mais as esperanças!”, pensa Leonora-Fidélio.

Ao mesmo tempo, porém, sabe que não deve perder as graças do velho carcereiro, único meio que tem de obter acesso ao seu esposo aprisionado.

Enquanto isso, do vão da porta, um Jaquino aflito a tudo observa.

– Inferno e danação! Aí estão todos a tramarem novamente contra a minha felicidade!

– Assim que o governador retornar de Sevilha, farei de você o meu genro! – diz Rocco, para deleite de Marzelline e apreensão de Fidélio. Quanto ao pobre Jaquino, sente o desespero envolver-lhe a alma como uma mortalha gelada.

Ao perceber que sua filha está apaixonada, o velho decide lembrá-la também de algo que julga ainda mais importante para a felicidade conjugal: o ouro.

– O amor!... Bela coisa, sem dúvida! Mas não esqueçam que um casamento não se alimenta somente de amor, mas também de dinheiro. É o ouro reluzente que afasta as trevas das preocupações! Quem, à noite, janta somente o amor, na manhã seguinte levanta sempre com fome!

Neste momento, o espírito nobre de Fidélio sente o impulso de rebater a tese mercantil do velho.

– De fato, o ouro é importante, mestre Rocco, mas o que realmente importa para a felicidade conjugal é o amor. É o verdadeiro tesouro que há sobre a Terra!

Então, antes que o velho se inflame na defesa das suas convicções, Fidélio invoca um novo assunto.

– Mas há algo que considero tão importante quanto o amor: a confiança. E esta, infelizmente, ainda lhe falta com relação a mim.

– Ora, mas o que está dizendo? – diz o carcereiro, atônito.

– Perdoe a impertinência, caro mestre, mas isto sempre me vem à cabeça quando o vejo retornar dos calabouços, exausto e sem fôlego. Por que não permite que eu o acompanhe em suas descidas?

– Por mim aceitaria a sua ajuda, mas todos sabem que o regulamento proíbe que outra pessoa, além de mim, se aproxime dos prisioneiros.

– Fidélio tem razão – diz Marzeline, tomando o partido do amado. – O senhor não pode mais atender sozinho às necessidades de todos os detentos.

– Bem, talvez eu possa abrir uma exceção – diz Rocco, cedendo. – Mas há uma cela da qual você não deverá jamais se aproximar!

– Trata-se daquela onde jaz aquele pobre miserável, preso há mais de dois anos, não é mesmo? – diz, ansiosa, a esposa disfarçada.

– Ele mesmo.

– E por que o cercam de tanto mistério?

– A nós isso não interessa. Além do mais, ele não permanecerá preso por muito tempo.

– Oh, então ele será libertado? – exclama Fidélio, agradavelmente surpreso.

O velho sorri cinicamente.

– Completamente libertado, meu jovem. Ninguém é mais liberto que um morto.

Fidélio fica branco e as pernas fraquejam.

– O que diz?! Então irão executá-lo?

– Não será preciso. Recebi ordens do diretor para reduzir drasticamente a sua ração. Nos últimos dias ele tem comido menos que um pinto, e logo deverá morrer de inanição, na mais completa escuridão.

A verdade é que o marido de Leonora, além de mal alimentado, vive completamente às escuras, sem direito a um toco de vela.

– Sem comida e sem luz! – exclama Marzeline, horrorizada.

– Bem faz em evitar que Fidélio o acompanhe, poupando-o dessa negra visão!

– Por quê? A mim nada importaria! – diz Fidélio, num engasgo.

Rocco, neste instante, parece impressionado com o destemor de Fidélio.

– Pensando bem, talvez seja bom que presencie essas coisas – diz ele, finalmente convencido. – Se pretende tornar-se meu sucessor, deve aprender a endurecer, desde já, o seu coração!

E, assim, o carcereiro decide solicitar ao governador autorização para que seu assistente passe a acompanhá-lo nas suas visitas ao mais infeliz dos prisioneiros.

Antes, porém, que Rocco tome suas providências, o diretor da prisão chega junto com alguns soldados. Imediatamente o velho ordena a Marzelline e aos demais que se retirem.

– Vamos lá, carcereiro, alguma novidade? – diz Pizarro, no seu tom ríspido habitual.

– Nenhuma, sr. Diretor.

– E os documentos, onde estão?

– Ei-los.

Pizarro começa a ler os documentos, uma série de memorandos do governador destinados a melhorar as condições de vida dos infelizes prisioneiros.

– A mesma lenga-lenga demagógica de sempre! – diz ele, revirando as páginas. – Se fosse seguir à risca cada regrinha destas, concedendo-lhes todos estes privilégios, Sevilha inteira iria querer mudar-se para trás das grades!

No meio do palavrório burocrático, porém, há uma advertência endereçada expressamente a ele, diretor. O governador alerta-o de que o ministro pretende fazer, a qualquer momento, uma visita surpresa à prisão. “Chegou-lhe à orelha o boato de que andam ocorrendo muitas prisões irregulares em todo o reino, e Sua Exce-lência deseja saber se tal coisa é verdade”, diz o governador.

– O miserável pretende é cortar despesas outra vez, mandando soltar os malfeitores! – rosna o vil Pizarro, encolerizando-se de uma vez. – Aqui só há malfeitores e conspiradores!

Então, subitamente lhe ocorre que o ministro, ao avistar Florestan atirado na mais sórdida das masmorras, certamente haverá de querer saber o motivo de tal tratamento.

“Ele é bem capaz de querer escutar o que esse miserável tem a dizer em sua defesa!”, pensa ele, ao mesmo tempo em que concebe um meio de impedir que isso aconteça. “Muito bem, chegou a hora desse conspirador maldito saber que a vitória é finalmente minha!”

– Capitão, suba à torre de vigia e faça soar a corneta assim que avistar uma carruagem vindo pela estrada real de Sevilha! – diz Pizarro, num sonoro berro. – E muita atenção, pois a sua cabeça responderá por qualquer descuido!

Volta-se para Rocco. Na sua mão há uma bolsa recheada.

– Muito bem, carcereiro, chegou a sua hora de dar adeus à miséria. Tome isto; trata-se apenas de um adiantamento.



O velho, cujo amor pelo ouro bem conhecemos, fica encantado, o que deixa o diretor agradavelmente surpreso: não será preciso oferecer mais.

– O que devo fazer, sr. diretor, em troca de tamanha generosidade?

– Não se trata de generosidade, mas de um negócio. Conheço bem o seu imperturbável sangue frio. Por isso encarrego-o, agora, de uma altíssima missão.

– Uma altíssima missão! – exclama Rocco, numa ansiedade feliz. – Que missão é essa, senhor?

O diretor aproxima a boca da orelha do carcereiro e lhe susurra:

– Matar um patife...!

– O que disse?

– Não entendeu? O Estado precisa que você liquide um de seus piores inimigos!

Rocco, porém, apesar de amar o ouro, sente-se horrorizado diante da ideia.

– Lamento muito, sr. Diretor, mas não posso fazê-lo!

– Imbecil! Não se trata de poder ou não poder, mas de executar uma altíssima ordem!

– Lamento, sr. Diretor, mas a atribuição de matar compete ao carrasco.

– Cão desdentado...! Está bem, então eu mesmo o farei! Desça já à masmorra e cave uma cova ao lado da cisterna. Eu descerei em seguida, sob a proteção de um disfarce.

Rocco, sem meios de desobedecer, tenta aliviar a sua consciência repisando o seu argumento de que a morte para aquele desgraçado será uma coisa boa, afinal.

– O punhal, para ele, talvez seja a sua verdadeira libertação – diz o velho.

– Para mim, estou certo de que será – diz Pizarro. – Vá, estúpido, vá de uma vez!

Rocco parte, enquanto o diretor toma o sentido contrário. Quase ao mesmo tempo emerge das sombras a figura de Fidélio. Seu rosto está tomado por uma profunda angústia.

– Então é verdade que o coração desse tigre desconhece, de todo, a piedade? – diz a esposa disfarçada.

Subitamente, porém, em meio à tormenta do desespero, volta a brilhar em seu peito a luz da esperança.

– Vem, ó esperança! Desce sobre a minha alma e expulsa dela o desânimo, para que eu possa cumprir com o meu sagrado dever de esposa!

Neste instante, Marzeline surge do interior da casa, a fugir sempre do seu incansável perseguidor.

– Oh, Jaquino, pelo amor de Deus, poupe-me dos seus odiosos lamentos!

– Mas para você eu era antes o doce Jaquino! O que houve para que tudo mudasse?

– Tudo não passou de um lamentável engano! Não vê, então, que há muito tempo amo Fidélio?

– Marzeline! Como espera que eu escute isso sem sentir rancor? Acha que irei tolerar tal desprezo sem buscar uma vingança?

Rocco, que esquecera de algo, reaparece e dá de cara com a filha e o pretendente.

– Brigando os dois, outra vez?

– O que quer, meu pai? Ele é como um sabujo, a me perseguir por toda parte!

Fidélio, ao ver que Rocco retorna, lhe dirige a palavra.

– Por que não permite, senhor, que os prisioneiros tomem um pouco de sol no jardim? Está um dia tão bonito, e isso certamente lhes dará um aspecto melhor.

– Não posso permitir sem a autorização do governador – diz Rocco.

Marzeline, contudo, ajuda Fidélio a convencê-lo, de tal sorte que logo em seguida os prisioneiros são conduzidos até a entrada do jardim. Entre os desgraçados, porém, não está o esposo de Leonora-Fidélio.

Um coro de alívio escapa do peito dos prisioneiros, quando veem-se finalmente transferidos das celas úmidas e trevosas para o brilho e o frescor da manhã.

– Que maravilha contemplar este sol! – entoam as vozes. – Que bênção aspirar este ar! Sim, a cela é um túmulo, enquanto a vida está aqui!

Um lamento, contudo, vem juntar ao júbilo uma nota amarga:

– Liberdade, oh, doce liberdade! Quando tornarás a ser nossa?

Ao mesmo tempo em que festejam e lamentam, os prisioneiros têm olhos e ouvidos atentos, acostumados que estão à vigilância dos seus opressores.

O dia transcorre até que Rocco, que havia saído para solicitar a autorização para que Fidélio pudesse acompanhá-lo às masmorras, retorna.

– E então...?! – diz Fidélio, agoniado.

– Hoje mesmo você descerá comigo aos calabouços – diz o velho, sorridente.

Fidélio, agradecido, lança-se aos braços do carcereiro, num transporte de gratidão.

– Iremos quando? Agora, já?

– Sim, mas leve consigo uma pá, pois devemos cavar uma sepultura.

Fidélio torna-se pálido como um sudário.

– Em nome de Deus! Enterrar quem?

– Florestan, o desafeto do diretor.

– Então ele já está morto...?

– Ainda não, mas é como se já estivesse. Vamos cavar a sua sepultura ao lado da cisterna. Como não deve mais receber alimentos, o melhor mesmo é que morra de uma vez.

– E quem irá cravar-lhe o odioso punhal? O senhor?

– Sou um carcereiro, e não um carrasco! – diz o velho, indignado. – O sr. Diretor se encarregará disso. Você parece já não ter mais a mesma vontade de descer, não é?

– Oh, tenho sim, sr. Rocco! Faço questão de acompanhá-lo!

– Então basta de conversa. Cumpramos com o nosso dever.

Neste momento Marzeline dá um grito de alerta.

– Papai! O sr. Pizarro está retornando!

O velho espreme o queixo, nervoso.

– Maldição! Ele não gostará nada de ver esta gente respirando ar puro! Vamos, recolham imediatamente às celas os prisioneiros!

Mas já não há mais tempo para nada, e Pizarro, com o ar encolerizado, vem pedir explicações ao carcereiro imprudente.

– Idiota! Quem lhe deu ordens para trazer para fora estes criminosos?